

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (21)

## ATALIBA NOGUEIRA

José Roberto do Amaral Lapa

Campinas vai-se tornando cada vez mais madrasta dos seus próprios filhos. Realmente, é imperdoável não ter havido aqui a menor ressonância do passamento do Prof. José Carlos de Ataliba Nogueira, no dia 22 de outubro pp., na capital.

Descendente do Barão de Ataliba Nogueira, homem público e político, além de empresário progressista no Império e na Primeira República, José Carlos nasceu em Campinas, a 29 de maio de 1901, tendo feito boa parte de sua formação escolar em nossa cidade, onde cursou o 2º Grupo Escolar e a seguir o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Como outros tantos jovens de nossa cidade cursou o Seminário Episcopal de Pouso Alegre ( Minas ), de onde regressou a Campinas, terminando seus estudos secundários no Ginásio Diocesano Santa Maria. A seguir, ingressaria na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco por onde se formou em 1925, tendo cursado, também, a Faculdade de Filosofia de São Bento.

Desde cedo, dedicou-se a atividades várias: chegou a ser escriturário da Estrada de Ferro Sorocabana e exerceu o magistério no Liceu Sagrado Coração de Jesus e no Ginásio do Estado, ambos em São Paulo. Ao Ministério Público, no interior e na capital, dedicou bom tempo de sua vida, mas ao jornalismo devotaria mais ainda, desde seu tempo de estudante no "Diocesano", colaborando em "A Pena", fundando jornal, ocupando cargos de direção e colaborando assiduamente na Imprensa. Foi nesta, no magistério como na tribuna que teve espaços privilegiados para divulgação de suas idéias sobre religião, literatura, história e direito. No magistério superior, foi catedrático de Direito Público e Constitucional e mais tarde de Teoria do Estado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, tendo lecionado também na Faculdade de Filosofia de São Bento, na Escola de Jornalismo Casper Líbero e em nossa Universidade Católica. Tendo participado da política, desempenhou vários e altos cargos públicos, como deputado federal pelo Estado de São Paulo e membro da Assembléia Nacional Constituinte. Foi também Secretário da Educação do Estado.

Autor de numerosa obra de Direito, também se fez presente no campo da História, sendo nesta área o seu trabalho mais importante **Antônio Conselheiro e Canudos**, volume 355 da Coleção "Brasileira",

editado em 1974 pela Companhia Editora Nacional, e em 2ª edição em 1978, quando juntou ao texto cartas e um apêndice sobre a economia na vida dos canudenses. Nesse livro, temos o texto integral de um manuscrito de Antônio Conselheiro, com certeza o mais importante que ele deixou — Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a República — documento que causou impressão entre os numerosos euclidianos e que motivou e continua motivando toda uma série de trabalhos e um reexame da figura do Conselheiro. Essa edição, com introdução crítica do professor campineiro, foi cuidadosamente preparada, tendo exigido pesquisas e viagens a Bahia. O manuscrito pertencia ao poeta Aristeu Seixas, que o adquiriu num sebo do Rio de Janeiro. Pertencera antes a João de Souza Pondé, Afrânio Peixoto e Euclides da Cunha. Em 1963, foi cedido ao autor da edição.

Em seu estudo, Ataliba Nogueira conclui: “Respeitemos as convicções do Conselheiro e reconheçamos-lhe a inteireza moral, intelectual e física. Nem insano, nem fanático. Homem excepcional, sim; embora extremamente simples. Amante do seu povo, para cujo serviço sofreu muito e para cujo bem e progresso foi chefe e condutor. A sua obra manuscrita, que pela primeira vez se imprime, revela-nos o seu estofamento moral e intelectual. Trouxe tal luz sobre a sua personalidade que, depois da leitura, somos arrastados a compulsar de novo não só **Os Sertões**, mas ainda os escritos de quantos a ele se referiram a fim de se separarem as afirmações errôneas das verdadeiras. Esta sua obra vem aguçar o espírito crítico dos amigos da verdade”.

Na última etapa de sua vida, antes de ficar doente, costumava passar os fins de semana e mesmo temporadas em sua bela chácara na Estrada da Rhodia, onde passamos uma tarde a seu convite; era sempre visto nas livrarias da cidade, perambulando pelo centro, revendo amigos e sentindo a cidade, por quem tinha tanto carinho.

Fica este registro de algumas lembranças de um professor que dignificou a sua cidade e até o final da vida orgulhou-se de aqui ter nascido.

( Do **Correio Popular**, Campinas,  
17-11-1983. )

\* \* \*